

APRESENTAÇÃO

A propósito de espaços sacros e da sua relação com locais de deslumbramento paisagístico A. Dupront refere a consagração de lugares “d'accidentes cosmiques”, onde o natural se antropomorfiza. William Christian fala em “dramatic sites of the landscape” e Caro Baroja nos lugares altos e deslumbrantes como sítios que favorecem o numinoso, facilitam a possibilidade de hierofanias e podem predispor para o sagrado. Estes autores muito estimados por Carlos Alberto Ferreira de Almeida – que este Congresso homenagea – consagraram há muito o tema desta secção.

Referindo-se aos montes sacralizados, C. A. Ferreira de Almeida aponta como os locais mais favorecidos pelos romeiros «aqueles que apresentam penedos de formas ou posições insólitas, lapas ou fontes, verdadeiros e arvoredos, porque isso permite um peculiar sistema de acções e itinerários e, porque o homem tem uma necessidade fundamental de significados, tornam a imaginabilidade desse local muito rica, até pelas lendas etiológicas que se lhe associam, permitindo um conjunto de vivências que os possam unir a esse ambiente». O tema desta Secção teve nestas reflexões o seu ponto de partida.

A evolução e transformação do espaço sacro, a sua natureza e motivações, a relação entre as formas e os significados, as dinâmicas das transformações e a acumulação de programas artísticos são aspetos que ocupam hoje um assinalável interesse nos estudos da arquitetura e da devoção.

As arquiteturas concebidas para realização de rituais concretos, que justificam e conferem significado à espiritualidade de uma comunidade, são espaços construídos que materializam a articulação humana entre o tempo terreno e o tempo da transcendência.

A investigação sobre o espaço sacro numa perspetiva sistémica, a análise e interpretação das formas e significados na sua articulação com os rituais e a relação das suas transformações semânticas nos diversos contextos histórico-artísticos são elementos comuns às comunicações desta Secção que optámos por organizar de forma cronológica.

Conforme as tendências da historiografia dos últimos anos, a prática religiosa tem vindo a ser considerada como um fenómeno físico e espacial tanto como o é do ponto de vista devocional, visual e intelectual. A arquitetura é agora entendida como uma matriz de espaço sagrado e de ação devocional e/ou litúrgica, mais do que um simples objecto desenhado.

As relações entre arquitetura e a liturgia, entre a devoção e a localização das imagens no edifício de função religiosa, constituem um instrumento de análise e de interpretação da própria arquitetura. Elas definem as partes do edifício, as componentes modulares, os sistemas de circulação, etc.

A noção de espaço sacralizado ultrapassa o quadro restrito da espacialidade interna definida pela relação entre a arquitetura e a liturgia. Nesta Secção os espaços sacros são analisados em diversas escalas: a escala do templo; a escala média do conjunto onde se inscreve o edifício e a escala de interações entre o território e o património edificado.

Lúcia Rosas

Manuel Joaquim Moreira da Rocha